

# Boa Nova para cada dia / fevereiro 2017

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

## Tempo Comum – Apresentação do Senhor / Cinco Chagas do Senhor

### Qua, 1 – SEMANA IV DO TEMPO COMUM

Hebr 12, 4-7.11-15 / Slm 102 (103), 1-2.13-14.17a.18 / Mc 6, 1-6

*Velai por que ninguém se afaste da graça de Deus. (1ª Leit.)*

Como, por exemplo, suscitar no outro uma boa reação, uma reação de amor, alegria, fidelidade, pureza, etc., é ajudá-lo(a) que não se afaste da graça. Podemos fazer isso passivamente ou ter atos concretos em que vamos suscitar no outro reações positivas. O leitor medite sobre isto.

### Qui, 2 – APRESENTAÇÃO DO SENHOR (Festa)

Mal 3, 1-4 / Slm 23 (24), 7-10 / Hebr 2, 14-18 / Lc 2, 22-40 ou 2, 22-32

*Recebeu-O em seus braços. (Evang.)*

Hoje peça a Deus para receber o seu irmão nos seus braços. Às vezes, agarramo-nos demoniacamente aos defeitos do nosso irmão e estamos tão cegos que nem conseguimos ver isso. E o que é pior é que, às vezes, o que estamos a ver nem sequer é defeito; o defeito está em nós. Peçamos a Deus que nos dê consciência desta situação quando ela nos sobrevier.

### Sex, 3 – SEMANA IV DO TEMPO COMUM

#### 1ª SEXTA-FEIRA

Hebr 13, 1-8 / Slm 26 (27), 1.3.5.8b.9 / Mc 6, 14-29

*Herodes respeitava João porque sabia que ele era justo e santo. (Evang.)*

Mas mandou cortar-lhe a cabeça para agradar a uma rapariga. Seremos coerentes com aquilo que pensamos é difícil. Às vezes

basta só sermos coerentes com o que pensamos em frente a amigos que pensam diferente de nós. Às vezes basta não nos acobardarmos quando os nossos amigos se viram a nós ou, tão só, quando queremos fazer boa figura. Peçamos essa graça.

## **Sáb, 4 – S. JOÃO DE BRITO (Memória)**

### **1º SÁBADO**

Hebr 13, 15-17.20.21 / Slm 22 (23), 1-6 / Mc 6, 30-34

*Jesus compadeceu-Se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor. (Evang.)*

Peçamos a Deus a graça de nos compadecermos. Tenho uma amiga que já se habituou a rezar pelos criminosos de quem a televisão fala. O leitor faça o mesmo. É muito preciso. Há pessoas dessas que incorrem na fúria geral. Connosco não deve ser assim. Não somos mastins. Somos filhos do Amor. Habituemo-nos a rezar por aqueles de quem a sociedade não gosta. Habituemo-nos a tê-los no nosso coração.

## **Dom, 5 – DOMINGO V DO TEMPO COMUM – Ano A**

Is 58, 7-10 / Slm 111 (112), 4-8a.9 / 1 Cor 2, 1-5 / Mt 5, 13-16

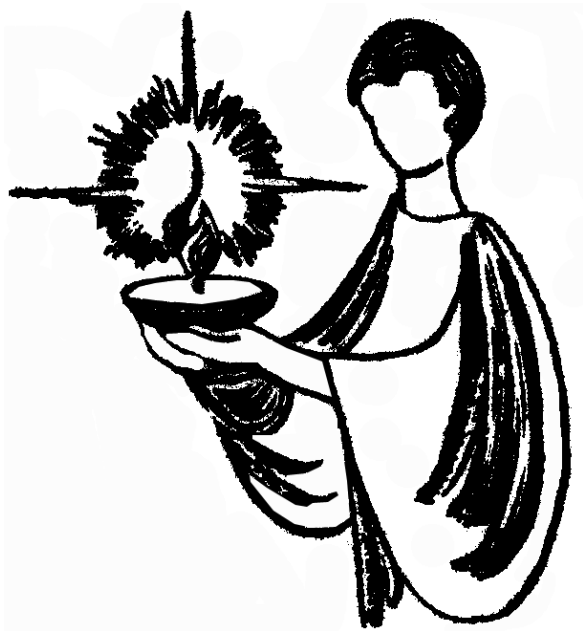
«Vós sois o Sal da Terra!».

No Domingo passado víamos como as «Bem-Aventuranças» não são um mero conjunto de normas morais para obedecermos, mas são o modo de ser do próprio Deus vivido por Jesus Cristo. Ele diz-nos que seremos felizes se vivermos como Ele: na verdade, o Senhor fez-Se um de nós para nos anunciar que somos Filhos de Deus, para nos dar a Boa Notícia de que Deus é nosso Pai e que somos desafiados para uma vida em abun-

dância. Como? Seguindo Jesus, o nosso Mestre e Senhor.

O Evangelho de hoje começa por dizer que somos o *Sal da Terra*. O que quer isso dizer? S. Paulo, falando aos Colossenses, diz: «Que a vossa palavra seja sempre amável, *temperada de sal*, para que saibais responder a cada um como deveis» (Col 4, 6). De que *Sal* está o Senhor a falar?

Na mentalidade judaica e, portanto, para os primeiros cristãos, o sal significava sim-



bolicamente a Sabedoria. E o que é a *Sabedoria*? É a graça de Deus de sabermos responder a cada situação com o modo de pensar, de ser e de agir de Deus. Dito de um outro modo, é a arte de vermos as coisas, as pessoas, as situações no seu sentido mais profundo, isto é, como as vê Deus. O sal, se usado com equilíbrio, faz sobressair o sabor dos alimentos: para encontrarmos o sentido da nossa vida e dos seus acontecimentos precisamos da Sabedoria de Deus, que é aquela que nos permite ver tudo como Deus vê e faz sobressair o que de melhor há em tudo.

Deus olha para cada um de nós e para o mundo a partir do amor. Ele é Amor e por isso é o amor a chave de leitura de tudo o que acontece. Isto quer dizer que é o amor o *condimento* que somos chamados a colocar na terra, é o único *ingrediente* que nos permite viver como Filhos de Deus, como irmãos e irmãs. Sem este *ingrediente*, mais cedo ou mais tarde, acabamos por dizer: «mas quem é que me

obriga a fazer estas coisas: todos fazem assim, porque hei de ser diferente?».

A questão é que a visão de Deus é o Amor. Não tem outra. Por isso, o cristão é chamado a ser este sal, esta sabedoria no mundo que permite encontrar o sentido do que vivemos a cada dia. Nós podemos fazer coisas extraordinárias e geniais, trabalhar incansavelmente, saber muitas coisas, mas sem o amor de nada nos vale! Eis a sabedoria de Deus! Eis o *Sal* que somos chamados a ser no mundo, eis o sabor que somos chamados a ter e a manifestar: o Amor.

Esta é a identidade dos discípulos de Cristo: ter o mesmo sabor do Mestre! Mas, para além do sabor, o sal também preserva os alimentos, impede que se estraguem. Assim, a Igreja que somos, para que não se *estrague* e seja deitada fora como os alimentos estragados, precisa de manter o sabor dado pelas Bem-Aventuranças, para que seja, cada vez mais, à imagem de Jesus, a sabedoria do Pai, Amor no mundo.

## Seg, 6 – SANTOS PAULO MIKI E CC. MM. (Memória)

Gen 1, 1-19 / Slm 103 (104), 1.2a.5.6.10.12.24.35 / Mc 6, 53-56

*Colocavam os enfermos nas praças públicas e pediam que os deixasse tocar-Lhe.*  
(Evang.)

As pessoas andavam atrás de Jesus enquanto viam alguma utilidade n'Ele. Quando se tratou de votar para o soltar, preferiram Barrabás. Não tinham a noção de fidelidade, de reconhecimento. Peçamos essa noção. Normalmente, somos mais afoitos a pedir do que a agradecer. Peçamos a graça do reconhecimento pelo que Jesus faz por nós. (Por si, leitor.)

## **Ter, 7 – CINCO CHAGAS DO SENHOR (Festa)**

Is 53, 1-10 / Slm 21 (22), 7.8.15.17.18a.22.23 / Jo 19, 28-37 ou 20, 24-29  
*Foi-lhe dada uma sepultura entre os ímpios. (1ª Leit.)*

«E um túmulo entre os malfeitores. (...) Aproveu ao Senhor esmagá-lo pelo sofrimento (...) e a obra do Senhor prosperará em suas mãos». S. Paulo há de glosar estas palavras de Isaías. Jesus foi esmagado pelo sofrimento para que a obra do Senhor – que somos nós – prosperasse. Hoje, o leitor agradeça isso a Jesus.

## **Qua, 8 – SEMANA V DO TEMPO COMUM**

Gen 2, 4b-9, 15-17 / Slm 103 (104), 1-2a.27.28.29bc.30 / Mc 7, 14-23  
*O que sai do homem é que o torna impuro. (Evang.)*

Nós é que tornamos as coisas impuras. As coisas – neste caso eram os alimentos – são neutras, a impureza está em nós. O mesmo acontece em relação aos nossos irmãos. Quando nós os julgamos, quando nós dizemos que eles são impuros, ficamos nós impuros. Caro leitor, peça um coração puro, um coração que não julgue. Olhe que é uma graça muito grande. Estamos sempre a julgar.

## **Qui, 9 – SEMANA V DO TEMPO COMUM**

Gen 2, 18-25 / Slm 127 (128), 1-5 / Mc 7, 24-30  
*Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne. (1ª Leit.)*

Hoje agradeçamos a Deus aquelas pessoas que sentimos fazerem parte de nós. Podem ser o nosso marido ou mulher. E/ou os

nossos filhos, os nossos amigos. Normalmente, todos temos alguém cuja falta nós sentiríamos como se nos arrancassem um bocado do nosso corpo. Agradeçamos essa(s) pessoas a Deus e rezemos por elas.

## **Sex, 10 – SANTA ESCOLÁSTICA (Memória)**

Gen 3, 1-8 / Slm 31 (32), 1.2.5-7 / Mc 7, 31-37

*Tudo o que faz é admirável. (Evang.)*

Diziam as pessoas do que Jesus fazia. Hoje, o leitor faça um exercício: pense numa pessoa com quem não tem estado muito de acordo ou mesmo com quem embirre um bocadinho. (Não pode ser uma pessoa de quem não goste nada.) E tente pensar numa coisa admirável que essa pessoa faça ou tenha feito. E dê graças a Deus por isso.

## **Sáb, 11 – SEMANA V DO TEMPO COMUM**

Gen 3, 9-24 / Slm 89 (90), 2-6.12-13 / Mc 8, 1-10

*Ouvi, Senhor, o rumor dos vossos passos no jardim e, como estava nu, tive medo e escondi-me. (1ª Leit.)*

Peçamos a Deus a graça de O acolhermos sempre de braços abertos. De o nosso pecado não nos afastar de Deus mas nos levar mais para Deus. Isto é um grande salto na relação com Deus: o nosso pecado fazer com que nos aproximemos mais de Deus por sentirmos ser quando precisamos mais de Deus. (Não é quando estamos aflitos, é quando pecamos. Peçamos-Lhe consciência do nosso pecado.)

## **Dom, 12 – DOMINGO VI DO TEMPO COMUM – Ano A**

Sir 15, 16-21 / Slm 118 (119), 1-2.4-5.17-18.33-34 / 1 Cor 2, 6-10 / Mt 5, 17-37

Continuando o discurso das Bem-Aventuranças, que nos desafia a fazer dos critérios de

Jesus os nossos critérios, isto é, a sermos presença do Amor na Terra, agora o Senhor diz que,

se a nossa justiça não superar a dos escribas e dos fariseus, não entraremos no reino do Céu. Será isto possível?

Estamos no contexto da Lei da Deus, em que Jesus nos diz muito claramente que não veio abolir mas levá-la a cumprimento. Isto é: Jesus realiza em Si mesmo a Lei, mostra-nos o seu sentido. A Lei não é nova, é antiga, mas o cumprir-se da Lei, esse sim é novo!

S. Paulo, nas suas cartas, insiste que não é a lei que nos salva, não é o mero cumprir que nos salva. Na verdade, quando os discípulos perguntam ao Senhor quem é que se *pode* salvar, Ele responde simplesmente: Ninguém se *pode* salvar, mas a Deus tudo é possível (cf. Mc 10, 27). Só Deus salva! A lei não salva ninguém. Isto significa que não somos nós que nos salvamos a nós mesmos. No entanto, a lei não é má: é boa porque nos indica aquilo que em nós faz crescer a vida verdadeira e aquilo que a sufoca. Por isso, diz-nos S. Paulo que a lei mostra o nosso pecado, mas não pode livrar-nos dele.

Jesus veio para nos libertar da escravidão da lei, não abolindo a lei, porque teríamos só mais uma nova lei, mas levando-a

ao seu cumprimento definitivo. É Ele quem nos mostra o objetivo, o fim, o alcance da lei, *cumprindo-a* até ao fim. E como faz Ele para a cumprir? Ele que era acusado de não respeitar o Sábado, de não respeitar a lei? Cumpre a lei sendo Amor. Amando. É este o cumprimento da Lei: o Amor.

Nós, que somos a Igreja, somos enviados a anunciar não uma lei, mas o Evangelho da boa notícia da *Justiça excessiva* do Filho que nos ama tal como o Pai, com o mesmo amor que é o Espírito Santo. Diz também S. Paulo que é o Amor o cumprimento da Lei (cf. Rm 13, 10). *O Amor não faz mal a ninguém, não pensa mal dos outros, não é arrogante nem orgulhoso, tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta, é paciente, não se irrita...* (cf. 1 Cor 13).

O Evangelho de hoje mostra-nos como faz Jesus para cumprir a lei. Aquilo que Ele nos diz não é mais uma imposição legalista, ainda mais severa do que a lei antiga, porque julga não só as ações, mas também a intenção com que agimos; é, antes, a «Boa-Nova» daquilo que Deus pode fazer em nós mediante as suas palavras. Este Evangelho não nos dá mais um código de leis a cumprir, be-

líssimas, embora impossíveis, mas é a revelação do dom de Deus que dá a sua vida por nós.

Nós, a quem foi dada a sabedoria das Bem-Aventuranças, somos chamados a ser *sal da*

*terra e luz do mundo*. Como se vê, no concreto da nossa vida, se vivemos assim? Sendo irmãos! Vivendo como irmãos que conhecem e se relacionam com o mesmo Pai.

## **Seg, 13 – SEMANA VI DO TEMPO COMUM**

Gen 4, 1-15.25 / Slm 49 (50), 1.8.16bc.17.20.21 / Mc 8, 11-13

*O homem conviveu com Eva sua esposa e ela deu à luz. (1ª Leit.)*

Esta frase tem um sentido específico que todos nós percebemos. Mas também a podemos usar de outra maneira: que do nosso convívio com alguém surja mais luz, surja uma centelha divina. «Basta» amarmos. Ao amarmos, ao servirmos, estamos a trazer Deus para a Terra, estamos a iluminar. Peçamos essa graça.

## **Ter, 14 – S. CIRILO E S. METÓDIO (Festa)**

At 13, 46-49 / Slm 116 (117) 1.2 / Lc 10, 1-9

*Fiz de ti a luz das nações para levars a salvação até aos confins da Terra. (1ª Leit.)*

Caro leitor, que frase bonita. Aplique-a a si. O leitor leva salvação sempre que salva o outro. E o que é salvar o outro? É, por exemplo, acolhê-lo. Às vezes, temos muita dificuldade em acolher o outro. Às vezes, numa zanga, tomamos partidos e temos muita dificuldade em ver a perspetiva contrária. Temos dificuldade em acolher o outro lado. Peçamos a Deus a graça de conseguirmos sempre considerar os dois lados (humanos) de uma questão.

## **Qua, 15 – SEMANA VI DO TEMPO COMUM**

Gen 8, 6-13.20-22 / Slm 115 (116), 12-15.18.19 / Mc 8, 22-26

*Enquanto durar a terra, nunca mais hão de faltar sementeiras e colheitas, frio e calor, verão e inverno, dia e noite. (1ª Leit.)*

E podíamos acrescentar, «nunca mais hão de faltar os animais, o homem e a mulher». Hoje, agradeçamos a Deus a natureza e



façamos a promessa de não a estragarmos. De não estragarmos eletricidade, de não deixarmos a água a correr sem ser preciso, de reciclarmos o lixo e as pilhas (às vezes, o problema é saber onde é que há um pilhão), etc. Meditemos sobre isso.

## **Qui, 16** – SEMANA VI DO TEMPO COMUM

Gen 9, 1-13 / Slm 101 (102), 16-21.29 e 22.23 / Mc 8, 27-33

*Quem dizem os homens que Eu sou? (Evang.)*

O leitor já tem uma longa relação com Cristo. Quem diz o leitor que Jesus é? Não lhe peço que diga quem é que Jesus é teologicamente. Estou a sugerir-lhe que pense o que é que Jesus representa para si, quem é que Jesus é para si, que importância é que Jesus tem na sua vida. Eu dou-lhe uma ajuda. Por exemplo, pode ser o Jesus amigo, o Jesus companheiro, o Jesus confidente, o Jesus misericordioso, o Jesus que é um ombro. É só para o leitor ter consciência de quem é Jesus para si e para melhorar a relação com Ele. (Ou para se abrir a mais facetas.)

## **Sex, 17** – SEMANA VI DO TEMPO COMUM

Gen 11, 1-9 / Slm 32 (33), 10-15 / Mc 8, 34 – 9, 1

*Se alguém quiser vir a Mim, renuncie a si mesmo. (Evang.)*

Sim, temos que renunciar a várias coisas, mas só o devemos fazer quando virmos nisso uma vantagem. Senão, vamos enterrar-nos num buraco e vamos cavar uma depressão. Só devemos renunciar em prol de uma felicidade maior. O leitor peça a graça de SENTIR que a escolha por Cristo é uma felicidade maior.

## **Sáb, 18** – S. TEOTÓNIO (Memória)

Hebr 11, 1-7 / Slm 144 (145), 2-5.10.11 / Mc 9, 2-13

*Este é o meu filho muito amado: escutai-O. (Evang.)*

Escutar a Deus não é fácil, como também não é fácil escutar os homens. Veremos a perspetiva do outro não é fácil. Termos o nosso

argumento e, ao mesmo tempo, pormo-nos na pele do outro não é fácil. E então quando estamos sentados sobre sentimentos que nos cegam – inveja, ciúme, raiva – ficamos completamente irracionais. Hoje, peçamos a Deus a graça de conseguirmos compreender os nossos mecanismos.

## Dom, 19 – DOMINGO VII DO TEMPO COMUM – Ano A

Lev 19, 1-2.17-18 / Slm 102 (103), 1-4.8.10.12-13 / 1 Cor 3, 16-23 / Mt 5, 38-48

Na sequência dos últimos domingos, a liturgia oferece-nos hoje mais um excerto do Sermão da Montanha. No domingo passado, começávamos a ver quais são os sinais que nos indicam que estamos a viver como irmãos. Não matar, e explica o Senhor que quem se irrita, chama imbecil ou louco ao seu irmão está, de algum modo, a matá-lo. Não cometer adultério. Não jurar, nem pelo céu, nem pela terra, nem pela cidade santa, nem sequer pela nossa própria cabeça! Hoje chegamos à profundidade da regra de ouro do ser cristão: o amor pelos inimigos.

Jesus desafia-nos a sermos perfeitos como é perfeito o nosso Pai Celeste. Claro que nós pensamos logo: «Mas eu tenho tantos defeitos! Como posso ser perfeito?». Isto é verdade, mas o que significa a perfeição cristã? Será que é nunca ter dúvidas, nunca errar, nunca ter maus pensamentos?

A essência do Evangelho, aquilo a que Jesus nos veio desafiar é a sermos perfeitos como o Pai é perfeito porque somos filhos! É isto que Jesus veio fazer de nós: filhos! Cuidado: Jesus não diz para sermos perfeitos e basta. Isso seria impossível! Diz para sermos perfeitos como o Pai é perfeito. Este “como” é muito importante: a nossa perfeição não é deste mundo. A nossa ética, a nossa moral é aquela de Deus.

A Igreja é composta de homens e mulheres, pecadores, filhos de Deus que procuram viver como irmãos, ao modo de Jesus Cristo, que viveu por amor. É essa a nossa perfeição. É à perfeição do amor a que somos chamados. Muitas vezes, achamos que o amor é uma coisa espontânea, que sentimos no coração e que não podemos controlar. Ora, a Escritura, muito mais realisticamente, diz-nos que o amor é um mandamento

divino. O que é espontâneo na nossa vida é o egoísmo! Muitas vezes, nós confundimos tudo e chamamos amor ao mais profundo egoísmo: a necessidade que temos do outro. Amar o outro não pode significar reduzi-lo ao meu apetite, à minha necessidade, mas libertá-lo! Por isso somos chamados a amar os nossos inimigos, mas atenção: o Senhor não diz para *gostarmos* dos nossos inimigos, mas para os *amar*.

O amor pelos inimigos é a essência do Cristianismo porque Deus é assim. Amar os inimigos significa conhecer Deus e quem não ama os seus inimigos, por mais piedoso e religioso que seja, ainda não conhece Deus. Isto não é mais uma regra moral para tentarmos obedecer, mas é índice da nossa liberdade. É amando os inimigos, é rezando por aqueles que nos perseguem e não nos compreendem que se torna evidente em nós de quem somos filhos, que Deus é o nosso Pai.

Às vezes, inocentemente, dizemos que não temos inimigos, e, se os temos, a culpa é dos ou-

tros, que não nos compreendem. Na verdade, o inimigo é o outro, o meu irmão, a minha irmã, o meu colega de trabalho, aquele que não me dá aquilo que eu acho merecer. E se não amo os meus inimigos, sou inimigo de Deus que os ama. Se não amo aqueles que dizem mal de mim, não me considero filho de Deus que os ama de todo o coração. Se não amo aqueles que não me compreendem e não fazem aquilo que eu acho melhor, não posso rezar o Pai-Nosso porque não me considero irmão deles!

Sermos «perfeitos» significa sermos completos, que não nos falta nada. O ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus e a santidade é uma característica d'Ele e só d'Ele e é na medida em que somos cada vez mais d'Ele e menos de nós mesmos que conhecemos quem Deus é. O Cristianismo não é uma religião de leis e regras, mas é a religião do amor e da liberdade. Somos chamados a ser livres como o Pai é livre: isto significa que somos chamados a ser misericordiosos, como o Pai é misericordioso.

## **Seg, 20 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM**

Sir 1, 1-10 / Slm 92 (93), 1.2.5 / Mc 9, 14-29

*Toda a sabedoria vem do Senhor e está com Ele para sempre. (1ª Leit.)*

No Antigo Testamento, a sabedoria é uma coisa muito prezada. No Novo Testamento é um dom do Espírito Santo. Mas, apesar de ser um dom do Espírito Santo que nós recebemos no Crisma, não entra em nós de forma automática. É preciso querê-la e cultivá-la. O leitor pede sabedoria para a sua vida? Tenta proceder com sabedoria ou a sabedoria está afastada dos seus horizontes? Hoje o leitor veja – com Deus – o que é que tem que fazer para obter a sabedoria.

## **Ter, 21 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM**

Sir 2, 1-13 / Slm 36 (37), 3-4.18-19.27-28.39-40 / Mc 9, 30-37

*Filho, se queres servir o Senhor, prepara a tua alma para a provação. (1ª Leit.)*

Das provações para as quais estamos menos preparados é aquilo que nos faz zangar. Normalmente não estamos preparados para encarar com serenidade o que nos faz (ou faria) zangar e perdemos poder de análise, logo, capacidade de amar. Mas, quando estamos zangados, não pensamos em amar, pensamos em deitar cá para fora o nosso ponto de vista. E está bem, desde que seja de cabeça fria. É para isso que nos temos que preparar. Caro leitor, prepare-se!

## **Qua, 22 – CADEIRA DE S. PEDRO, APÓSTOLO (Festa)**

1 Pedro 5, 1-4 / Slm 22 (23), 1-6 / Mc 16, 13-19

*Não constrangidos mas de boa vontade. (1ª Leit.)*

Meu caro leitor, hoje peça a Deus a graça de gostar muito do seu emprego, de gostar que a segunda-feira apareça. Já reparou na quantidade de piadas que há a propósito de quanto é mau a segunda-feira e de quanto é bom a sexta? Não é uma infelicidade ir-se para o trabalho contrariado e sair-se dele aliviado? O leitor peça a graça de amar através do seu trabalho.

## **Qui, 23 – S. POLICARPO (Memória)**

Sir 5, 1-10 / Slm 1, 1-4.6 / Mc 9, 41-50

*O sal é coisa boa; (...) Tende sal em vós mesmos. (Evang.)*

Temos que ter sal dentro de nós para dar gosto à vida e também para a nossa saúde. Não podemos ser desenxabidos, amorfos, indiferentes. Temos que ter uma opinião, expressar uma opinião, sermos verticais, incorruptíveis, afetivamente incorruptíveis. O leitor peça a graça de não se deixar dobrar, corromper, pela amizade que tem a outra pessoa.

## **Sex, 24 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM**

Sir 6, 5-17 / Slm 118 (119), 12.16.18.27.34.35 / Mc 10, 1-12

*O Senhor (...) [não] guarda ressentimento. (Salmo)*

A expressão guardar ressentimento é muito diferente de ficar ressentido. Todos ficamos ressentidos. Mas temos que deixar que esse ressentimento vá saindo de nós. (Pode demorar anos.) Agora não podemos é guardar esse ressentimento, isto é, fazer alguma coisa para ele não sair de nós, trancá-lo. Peçamos a graça de o deixarmos sair.

## **Sáb, 25 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM**

Sir 17, 1-13 / Slm 102 (103), 13-18 / Mc 10, 13-16

*Mas os discípulos afastavam-nas [as crianças]. (Evang.)*

Que têm as crianças para nós imitarmos? A necessidade, a pobreza. A extrema necessidade do adulto. É o que nós devemos sentir em relação a Deus: a extrema necessidade, porque Deus veio para os pobres, Deus veio para os que precisam, veio para os de coração doente. O leitor sente necessidade de Deus ou tem necessidade de Deus? (Olhe que é muito diferente.)

## **Dom, 26 – DOMINGO VIII DO TEMPO COMUM – Ano A**

Is 49, 14-15 / Slm 61 (62), 2-3. 6-9ab / 1 Cor 4, 1-5 / Mt 6, 24-34

Concluimos hoje uma série de seis domingos em que rezamos o Sermão da Montanha. O Senhor, olhando para a multi-

dão que O escuta, olha para nós e vê que muitos estão cansados, submersos pelo trabalho, correm de cá para lá todo o dia

e não conseguem encontrar repouso, e dá-nos alguns critérios para podermos verificar como está a nossa liberdade em relação às coisas criadas.

Somos chamados a ter uma relação com as coisas como filhos de Deus. No concreto, isto significa que é Ele o nosso tesouro e que as coisas, todas as coisas, são para nós dons do seu amor. Tudo podemos, mas nem tudo nos convém.

Embora a nossa autossuficiência, às vezes, nos tente convencer do contrário, nós somos sempre de alguém. Não é que sejamos propriedade, mas somos “filhos de”, “marido de”, “mulher de”, “amigo de”... São as nossas relações que nos estruturam como pessoas e *uma só é a relação de paternidade*. Não podemos ter dois pais ou duas mães. É isto que Jesus nos diz: na nossa vida, ou dependemos de Deus, e somos seus filhos, ou dependemos das coisas, e então escravizamos-nos e servimos o dinheiro e o bem-estar.

O Evangelho de hoje continua a insistir que somos filhos de Deus, que Ele é o nosso Pai. Que as coisas existem para nos ajudar a alcançar o fim para o qual fomos criados: deixarmo-nos abraçar definitivamente pelo Pai, livres da preocupação de

acumular, livres da ânsia pelas coisas que não temos. Não podemos, não somos capazes de amar a Deus e ao dinheiro: ou Deus ou o ídolo. Ou aquilo que nos dá vida ou aquilo que destrói a vida que temos. Numa bifurcação ou num cruzamento, não podemos seguir por duas estradas ao mesmo tempo. Temos de decidir se queremos seguir a Deus ou aos ídolos, como o dinheiro, que nos dão uma falsa sensação de segurança.

Qual é a meta da nossa vida? O que é que andamos aqui a fazer? Acumular dinheiro ou encontrar o abraço definitivo do Pai? Como gostaria eu de terminar a vida? No meio da abundância ou em paz, com a certeza de que Deus é meu Pai?

Quando o Senhor diz para não nos preocuparmos, não está a fazer um convite à preguiça. Temos de trabalhar. Santo Inácio de Loyola aconselha-nos a fazer tudo como se tudo dependesse de nós, sabendo que tudo depende de Deus. Isto faz com que deixemos de estar ansiosos com o futuro – tudo depende de Deus – e deixa-nos livres para nos empenharmos no que temos de fazer.

Nós somos chamados a trabalhar, mas como filhos de Deus, colaborando com Deus,

partilhando com os irmãos. As preocupações com o dia a dia, se não tivermos cuidado, absorvem-nos de tal maneira que, em vez de trabalharmos para viver, acabamos por fazer do trabalho a nossa vida, isto é, fazemos das coisas a finalidade da nossa vida. Assim, em vez de as coisas estarem ao nosso serviço, quando nos apercebemos, estamos nós ao serviço das coisas.

A ansiedade causada pelos afazeres da vida é próxima do medo da morte, do medo do fim. «Não vos preocupeis», repete o Senhor por seis vezes, «o Pai bem sabe daquilo que mais precisais», insiste Ele. Hoje somos convidados a confiar na Providência, empenhando-nos no nosso trabalho, na certeza de que nada nos faltará daquilo que realmente precisamos para viver como filhos de Deus.

## **Seg, 27 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM**

Sir 17, 20-28 / Slm 31 (32), 1.2.5.6.7 / Mc 10, 17-27

*Naquele tempo, Jesus pôs-Se a caminho, quando um homem se aproximou correndo. (Evang.)*

Queria apanhar Jesus antes que Ele desaparecesse. Assim deve ser connosco, apanhar Jesus antes de Ele desaparecer. Porque nós podemos fazê-Lo desaparecer quando não O deixamos atuar nas nossas vidas. Ficou o exterior, ficaram as palavras, ficaram as posições, ficaram as reflexões, mas foi-se a eficácia, foi-se o «sal», ficámos insonsos. Peçamos a Jesus a graça de Ele não nos desaparecer.

## **Ter, 28 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM**

Sir 35, 1-15 / Slm 49 (50), 5-8.14.23/ Mc 10, 28-31

*Vê como nós deixámos tudo para Te seguir. (Evang.)*

Parece que Pedro não estava muito contente com a sua sorte. Pedro ainda não tinha a alegria trazida pelo Espírito Santo. A renúncia a qualquer coisa por outra só faz sentido se a outra nos trazer uma alegria maior (que não é a mesma coisa que um prazer maior). Só escolhemos Deus verdadeiramente impulsionados pelo Espírito Santo, senão ficamos sempre com saudades das cebolas do Egito. Peçamos a Jesus a graça de uma opção radical por Ele.



# O VIDEO DO PAPA

Rede Mundial de Oração do Papa

